

Infeção tem origem em bactéria que ataca garganta

DF - Hospital

CORREIO BRASILENSE

23 SET 1998

Luís Osvaldo Grossmann
Da equipe do **Correio**

Há cerca de um ano a copeira Raimunda Mendes da Silva, de 43 anos, começou a se queixar de dores na região abdominal. Em seguida vieram as hemorragias. Os colegas do Senado Federal insistiram, onde ela trabalhava há três anos, insistiram até que ela fez os exames, que comprovaram a existência de um mioma — um pequeno tumor — no útero. Vítima de infecção hospitalar, Raimunda morreu três dias depois da cirurgia.

“Nós os colegas estamos até nos sentindo um pouco culpados, afinal pagamos os exames e insistimos para que ela fizesse a operação. Ela era uma pessoa simples e nós sempre demos apoio”, conta Sandra Tasquino, funcionária do Senado.

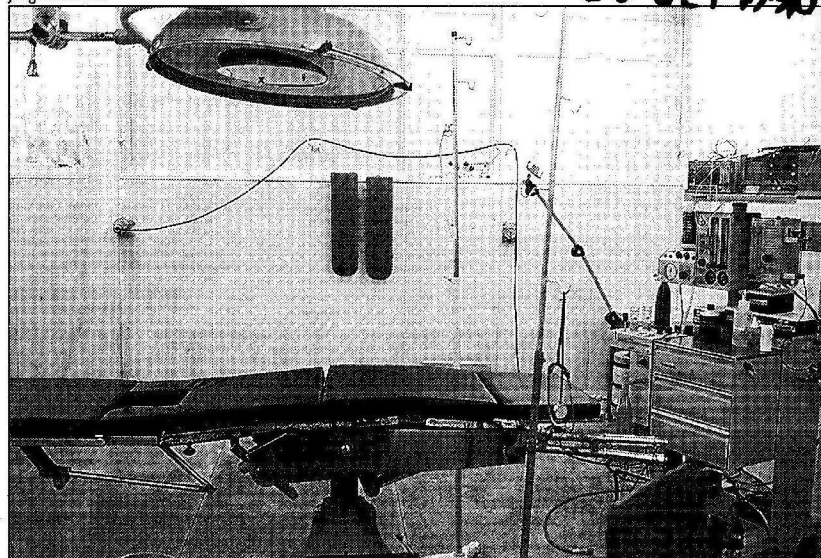
Raimunda entrou no Hospital Regional de Ceilândia (HRC) no sábado, 12. A cirurgia para a retirada do útero foi na quarta-feira seguinte. Apesar de delicada, é uma operação simples

em que as pacientes voltam para casa em 72 horas. Tudo parecia ter transcorrido bem, mas na sexta-feira Raimunda voltou a sentir dores.

Era a infecção hospitalar, que na mesma semana afetou outros cinco pacientes também submetidos a cirurgias no HRC. Um continua em observação em Ceilândia, mas os demais foram transferidos para outros hospitais da rede pública, como o Hospital de Base e o Hospital Regional da Asa Norte (Hran). Uma delas pessoas atingidas pela infecção ainda respira com a ajuda de aparelhos.

Raimunda foi para a UTI do Hran, mas era tarde para deter a infecção e ela morreu às 17h30 do último sábado. Ela ela foi enterrada ontem pela manhã no cemitério Campo da Esperança. Segundo os amigos, Raimunda saiu do Maranhão há 15 anos e por isso não foi possível localizar sua família, apenas um irmão que está vindo de São Paulo. Ela deixou três filhas, de 3, 7 e 15 anos. As duas maio-

Jorge Cardoso



Sala de cirurgia do HRC que foi interditada por causa de infecção hospitalar

res já viviam com os pais. Raimunda cuidava da menor, Priscila, que a partir de agora mora com o pai, Felipe dos Reis Barros. “Eu estou arrumando um quatinho para ela e a Priscila vai ficar comigo definitivamente”,

conta Felipe. Ele pretende entrar com uma ação de indenização contra o HRC. “Não é apenas pela indenização, mas uma maneira de lutar para que isso não aconteça com outras pessoas”, afirma.

RASTREAMENTO

Até o momento os exames de cultura de bactérias apontam para a família dos *estreptococos* — comum nos casos de infecções de garganta — como a responsável pela infecção. Este é o primeiro passo para o rastreamento da origem, mas como as infecções aconteceram com equipes, salas e em horários diferentes, a identificação demanda mais tempo. “Todo hospital que atende muitos pacientes corre o risco de infecção. A comissão de controle de infecção está fazendo o rastreamento, mas isto envolve vários materiais, como luvas e toucas, e até os médicos e enfermeiras”, diz Marcelo.

Segundo os médicos, o risco de infecções é inerente ao ato cirúrgico. “Pacientes desnutridos, obesos, idosos ou crianças e diabéticos têm ainda mais risco de sofrer uma infecção, pois são fatores que influenciam o equilíbrio das defesas do corpo. O tipo de cirurgia também determina maior ou menor risco”, explica Ja-

queline Carvalho, da Equipe Distrital de Controle de Infecções Hospitalares da Secretaria da Saúde. Ela também conta que a ocorrência de casos de infecção em curto espaço de tempo, como aconteceu em Ceilândia, não é um fato inédito, mas depende, inclusive, do puro acaso. “Tem-se no mesmo espaço de tempo pessoas mais suscetíveis às infecções”, diz Jaqueline.

Pelos números da Secretaria de Saúde, os hospitais do DF apresentam um índice médio de infecções de 2,001%, o que é compatível com os padrões internacionais. Desde o ano passado todos os hospitais são obrigados, por lei, a manter programas de controle de infecção hospitalar e o assunto já foi tema de três Portarias do Ministério da Saúde, em 1983, 1992 e 1998. Público como o HRC, o Hospital Regional de Taguatinga recebeu, no início do ano, nota máxima em uma avaliação sobre controle de infecções feita pelo Ministério em todo o DF.